



## Dossiê Retratos Poéticos I

O presente número temático da Revista do Centro de Estudos Portugueses da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, intitulado precisamente “Retratos Poéticos I”, é, em parte, fruto do estágio pós-doutoral da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Silvana Pessôa, editora-chefe deste periódico, na Faculdade de Ciências e Letras da Unesp – Campus de Araraquara, no primeiro semestre de 2023, sob a supervisão da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Renata Soares Junqueira. Como parte da pesquisa levada a cabo na instituição, a disciplina “Retratos e autorretratos na poesia portuguesa moderna e contemporânea”, ministrada em maio de 2023, proporcionou muitas das reflexões que ora vêm a público cumprir o seu percurso acadêmico de continuar a abrir debates e questões pertinentes aos campos de saber das Humanidades, na sequência do Colóquio Interdisciplinar “Poesia e Outras Artes”, ocorrido em junho de 2023 na Faculdade de Ciências e Letras da Unesp – Campus de Araraquara.

Partindo dessa premissa, o dossiê abre com o artigo de Gustavo de Mello Sá Carvalho Ribeiro, em que o autor analisa como dois poemas portugueses do século XX – um de Jorge de Sena, outro de Carlos de Oliveira – foram elaborados a partir de pinturas espanholas que tematizam a guerra. Conclui-se que os poemas, em termos de estilo, particularizam-se pelo modo como cada poeta interpretou a pintura a que se voltou, mas ambos, similarmente, opõem o absurdo da guerra à beleza da arte.

Em seguida, Marcus Vinícius Lessa de Lima trata do poeta brasileiro Max Martins, cotejando retratos poéticos distribuídos entre seus dois primeiros livros. Certos poemas do segundo livro, *Anti-retrato*, publicado em 1960, aparecerão como uma espécie de instância autocrítica da poética proposta oito anos antes, no livro de estreia de Max, *O estranho*.

Outro poeta brasileiro em atividade no século XX é tema do texto de João Vitor Sanchez. O “Poema de sete faces”, de Carlos Drummond de Andrade, é lido pela perspectiva de um retrato que oscila entre o Eu e o Mundo. Inconstância, inconformidade, inadequação, paradoxo e contraste são termos importantes para a compreensão desse retrato, dando-nos a imagem dum sujeito que não se reconhece pronto para sua estadia no Mundo.

Por sua vez, Rangel Gomes de Andrade propõe uma discussão em torno de um poema-dedicatória do poeta mineiro Donizete Galvão destinado ao fotógrafo e filósofo esloveno Evgen Bavcar. A reflexão sobre o

autorretrato em ambas as produções, busca mostrar como a poesia de Galvão constrói-se no inacabamento, enquanto a fotografia de Bavcar alimenta-se da sombra, levando o pesquisador a propor uma “estética da desapareição”.

Na sequência, Gabriel Pedro Lopes parte do *Livro do desassossego* de Fernando Pessoa/Bernardo Soares para analisar as imagens de deformação e desfiguramento de que faz uso o poeta para expressar-se, em termos que engendram melancolia, vazío e tédio. Sua hipótese intenta assinalar que a melancolia não é decorrente da autocontemplação, mas, sim, da consciência do sujeito no mundo.

As linhas que costuram a relação entre Sophia de Mello Breyner Andresen e Cecília Meireles são tema do artigo de Wendel Francis G. Silva, no qual evidencia a compartilhada ética em torno da experiência da viagem, elemento constitutivo de parte da produção de ambas as poetisas, com críticas contundentes ao turismo de massa e ao papel desempenhado pela fotografia num tempo que já indiciava a profusão de imagens deste princípio de século.

Por seu turno, Roberto Bezerra de Menezes mostra as relações dialógicas que poetisas portuguesas modernas e contemporâneas – João Miguel Fernandes Jorge, Joaquim Manuel Magalhães, Manuel de Freitas, Adília Lopes e Daniel Jonas – estabeleceram com telas do pintor norte-americano Edward Hopper. Baseando-se no conceito de *écfrase* e no de “poética do iconotexto” de Liliane Louvel, o pesquisador busca acentuar esse diálogo de modo a mostrar as muitas formas de se acolher no seio da palavra a pintura e a visualidade que ela engendra.

Dando continuidade ao dossiê, o texto de Mariana Pereira Guida explora as relações entre a poesia e a prosa inclassificável de Herberto Helder e a arte de Alberto Giacometti, mostrando como a pergunta “O que é uma cabeça?” é produtiva para se inquirir a linguagem e o pensamento que lhe dá forma.

Já Isabelle Ferreira Scalabrini Costa, em gesto de *close reading*, analisa o texto “Uma exposição de Armanda Duarte”, da poeta portuguesa Adília Lopes, assinalando tanto a relação de espelhamento midiático entre as duas artistas quanto a ideia de que o referido texto é um exemplo de *écfrase* curatorial.

Em um segundo texto que trata da poética de Adília Lopes, Maria Cristina Oliveira Fonte Boa observa a presença de elementos gráficos no mais recente livro da poeta: *Pardais*, de 2022. Intercruzados aos poemas, caligrafia, fotografia e desenhos contribuem para uma textualidade

marcada pelo intimismo, pela problematização do fazer poético e da enunciação, e valorizadora de aspectos minoritários, escondidos ou esquecidos do cotidiano.

A figura do líder político e religioso Antonio Conselheiro recebe a atenção de Laura Muriel Costa. Apoiada na análise semiótica, a autora visita o texto e as xilogravuras das capas de dois folhetos de literatura de cordel e ressalta a centralidade de Antonio Conselheiro nas representações da comunidade de Belo Monte e da Guerra de Canudos, bem como a prevalência do traço religioso em seus retratos.

O dossiê encerra com o artigo de Ana Caroline Moura Mendes, que analisa duas dedicatórias poéticas feitas à brasileira Lygia Fagundes Telles, uma por Carlos Drummond de Andrade, outra por Manuel Bandeira, além de fotografias da escritora com esses poetas. O cotejo entre dedicatórias, fotografias e as próprias obras autoficcionais de Lygia realça a transitoriedade e a seriedade como traços característicos da imagem da escritora, concluindo-se que houve uma construção estratégica, arquitetada, dessa imagem.

O leitor notará que, com frequência, esses textos remetem a reflexões do século XX, que conheceu uma primeira difusão em larga escala da técnica fotográfica e enfrentou os problemas por ela colocados, tanto para as práticas artísticas quanto para a percepção humana e enunciação do real. Nesse sentido, pode-se destacar um gesto teórico recorrente nas páginas que se seguirão: afirmar o fundo de ausência sobre o qual se baseia toda tentativa de retrato, já que a imagem que fica não dá conta da transitoriedade a que se submete o seu modelo. Gostaríamos que tal aspecto — a transitoriedade — fosse também marca deste conjunto, não só porque a discussão encontrará sequência num segundo momento, ora em preparação, mas também, talvez principalmente, porque aqui se adicionam novos instantâneos a um pensamento da imagem. É enquanto amplia-se a profusão de imagens e perspectivas por elas abertas no mundo, esse pensamento não deixa de manifestar sua consciência de que ele próprio não é, não pode ser, definitivo.

Marcus Vinícius Lessa de Lima  
Renata Soares Junqueira  
Roberto Bezerra de Menezes